

EVA DE GERMANO ALMEIDA

Mauricio Oliveira Rios¹

RESUMO: Apesar da temática diversificada da obra, Germano Almeida sintetiza em *Eva* a discussão em torno da relação entre gêneros, mostrando como ainda existem preconceitos, de ambas as partes, e como há novas possibilidades para o masculino e para o feminino.

PALAVRAS CHAVE: Literatura Cabo-Verdiana, Relação entre gêneros, masculino, feminino.

ABSTRACT: Although the diverse thematic of the book, Germano Almeida synthecizes in *Eva* the quarrel around the relation between genres, showing as still preconceptions exist, of both the parts, and as it has new possibilities for the masculine and the feminine genres.

KEYWORDS: Cabo-Verdian Literature; relation between genres; male; female

Eva, publicado em abril de 2006, pela editora Ilhéu, é um dos últimos romance escritos por Germano Almeida, grande nome da Literatura contemporânea de Cabo Verde.

O livro começa e termina no mesmo ponto, o encontro entre Luís Henriques e Reinaldo, amantes da protagonista, Eva. O enredo é enxertado com digressões e a mesma história é retomada mais de uma vez, sendo acrescentadas informações, detalhes ou mesmo pontos de vista que modificam a compreensão dos acontecimentos. Isso faz com que o enredo fique aberto após o “término” do romance, dando-nos a impressão de que ainda muitos fatos poderão acontecer e se modificar.

¹ Mestrando no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Contato: mauricioorios@hotmail.com

O romance pode ser lido sob diferentes enfoques e em diversas camadas de significação, podendo-se, embora não nos aprofundemos nele no momento, destacar: a situação em que se encontram alguns cabo-verdianos contrários à independência, exilados em Portugal, que não voltaram ao país mesmo depois de 30 anos. Reinaldo, narrador do romance, é jornalista e tem como objetivo, em sua ida à Lisboa, localizar e dar voz a essas pessoas que foram esquecidas por se posicionarem contra a independência de Cabo Verde. Apesar da importância de um estudo que vise dar voz a essas pessoas, não será este o nosso foco.

Nosso objetivo nesta leitura será destacar as passagens e situações em que aparece a relação entre gêneros, principalmente a construção e representação de algumas personagens. Daremos relevo, na análise, à mãe da protagonista, com a função de protetora e difusora da tradição, em contraponto à Eva, que quebra os paradigmas tradicionais, driblando a opressão imposta pela figura materna; a Luis Henriques, pseudo-defensor intelectual dos direitos femininos; e a Reinaldo, representação do homem que rasura a tradição por valorizar a equidade entre os gêneros.

O enfoque do romance centra-se em Eva, narrando-se desde sua juventude, em que conhece Luís Henriques e passa a participar dos movimentos sociais; sua chegada a Cabo Verde, seu casamento com o juiz Zé Manuel e o relacionamento com Reinaldo, seu amante e confidente; até o reencontro com Luís Henriques, depois de mais de 30 anos. O livro é ambientado na década de 60 e destaca importantes acontecimentos históricos, como a revolução de 25 abril de 1974, em Portugal e o aniversário de 30 anos da independência de Cabo Verde.

Germano constrói em *Eva* uma protagonista extremamente complexa, fora dos “padrões” tradicionais. Ele, por meio dela, questiona o conceito de “fidelidade” que conhecemos, tornando os relacionamentos simultâneos da personagem possíveis, sem a vulgarizar. Em uma sociedade patriarcal, em que apenas ao homem é permitido ter mais de um relacionamento, mesmo que não oficialmente, aparece uma mulher, portuguesa, que representa o colonizador, e que se relaciona com ao menos três cabo-verdianos.

Eu ria-me desse repentino falatório muito pouco habitual na Eva, de modo que não pude deixar de olhar para a garrafa que marcava 14° de teor alcoólico é já ia a meio. E um bom bocado por brincadeira acabei

perguntando, Diz-me quem na verdade és tu, Eva de mil pessoas! E ela surpreendeu-me com esta resposta mínima e amarga, **Em resumo resumido, sou apenas uma mulher casada que engana o marido com pelo menos mais dois homens**, e que tem como única desculpa o facto de os amar a todos, ainda que a cada um à sua maneira. Eu não esperava uma resposta tão directa e de certa forma num tom que me pareceu amargo. Olhei-a interrogando-a e ela sorriu triste... (ALMEIDA, 2006, *contracapa*)

Eva é uma portuguesa, filha de um militar aposentado, que serviu no Senegal, levando consigo a família. Ela conheceu Luís Henriques em uma passeata, quando tinha 16 ou 17 anos. Passou a ser sua discípula, aprendendo tudo o que ele lhe ensinava e lia tudo o que recomendava. Seguiu todos seus conselhos e colocava à prova algumas de suas teorias.

Os ensinamentos de Luís Henriques iam contra tudo o que Eva havia aprendido. Assim, ela passa a ver sua mãe como uma representante da tradição que reprime o prazer nos bens materiais e no corpo.

Eva ouvia-o deslumbrada e ao mesmo tempo **imaginando como a sua mãe se escandalizaria** se pudesse ouvir aquele rapaz pachorrento a discorrer pausadamente, como se as palavras lhe custassem a sair da boca, dizendo que nem Lutero quanto mais Calvino ou mesmo os papas das reformas tiveram a coragem de modificar grandemente essa atitude perante o corpo. É certo que nenhum deles tinha chegado a defender abertamente as flagelações, mas também nada fizeram para reabilitar o lado material e belo do ser humano. Essa nova atitude perante nós mesmos é coisa relativamente recente, o direito de nos presentearmos com belas roupas, com bons perfumes e boas iguarias e bons vinhos, no fundo esse direito inalienável de assumirmos que temos um corpo que segrega pensamentos e desejos e que quanto mais bem alimentado melhores serviços pode prestar, isso é conquista dos que negam o paraíso no outro mundo e por isso tudo fazem para o viver neste que conhecemos. (ALMEIDA, 2006, p. 107-8)

Neste ponto, há uma ruptura com todos os padrões sociais tradicionais, logo, com os ensinamentos da mãe, que perpetua a tradição e fiscaliza o seu cumprimento. Está no papel da própria mulher a transmissão e repressão dos conceitos tidos como morais. Essas novas idéias fazem com que Eva passe a se descobrir como mulher e a perceber o próprio corpo como fonte de prazer. É repudiado por Eva a participação feminina no sexo apenas como um objeto de satisfação do homem. Ela propõe que a mulher se coloque como protagonista de sua vida sexual.

E então é importante nunca nos envergonharmos do corpo e dos seus desejos e anseios e da sua necessidade de prazer, sentirmo-nos orgulhosos de o possuímos e encará-lo como uma dádiva. Se aprenderes tu própria a amar o teu próprio corpo, a acariciá-lo como uma oferenda à natureza que o criou, nunca vais sentir vergonha de outra pessoa o acariciar porque em qualquer dos casos és tu o sujeito e o objecto das carícias, sejam elas tuas próprias ou vindas de outrem. A mulher nunca deveria aceitar conceder-se como um favor a um homem, pelo contrário, deve participar no acto de amor como parte integrante e interessada nesse momento sempre único e irrepetível onde as pessoas podem gemer e gritar e até chorar e no fim rirem-se um para o outro e dizerem, Foi bom, valeu a pena... (ALMEIDA, 2006, p. 107-8)

O relacionamento entre Eva e Luís Henriques foi uma forma da personagem se libertar da repressão que encontrava no pai e na mãe. Foi com ele que Eva desenvolveu a conscientização e principalmente a apropriação do próprio corpo, o que foi fundamental para a sua constituição como mulher adulta e livre de qualquer peso da tradição.

Eva rompe com essa tradição não apenas nas idéias, mas busca formas de na prática se descobrir, questionando os papéis que são impostos às mulheres, como os de filha e/ou esposa exemplar. Pois, como já dito, cabe à mãe, uma mulher, a perpetuação de dogmas que muitas vezes são machistas, inferiorizando, ou colocando em segundo plano, os desejos e vontade das mulheres.

Porém, aconteceu-lhe uma manhã a **mãe** ter começado o dia exasperando-a com a questão **da defesa da virgindade e da fidelidade**, definindo a virgindade como o **valor intrínseco da mulher**, aquilo que de mais precioso uma mulher pode oferecer ao seu marido, um homem poder para sempre andar de cara levantada diante seja de quem for, na certeza de saber que antes dele nem depois dele nenhum outro homem tocou a sua esposa. Porque é isso, essa certeza, essa confiança, que cria e une e mantém para sempre os membros de uma **família**, base principal da nossa **Pátria**, e que nos conduzirá necessariamente à **glória de Deus** como merecido prémio dos nossos esforços na terra em prol da sociedade... Eva disse que começara ouvindo a **mãe** mais ou menos distraída, tinha outras preocupações que a absorviam, porém quando acabou por prestar-lhe atenção e ouvir direito o que ela estava a dizer sentiu que lhe subia ao coração uma forte revolta e decidiu, Não passa de hoje! E sem prévio aviso, com o coração aos pulos, mas mesmo assim determinada, naquela mesma tarde dirigiu-se à Rua das Trinas. (ALMEIDA, 2006, p. 111-2)

Os valores defendidos pela tradição, representada pela mãe, limita apenas o papel das mulheres, mas não questiona o mesmo para os homens. Pois é colocado como “valor intrínseco da mulher” a virgindade e, conseqüentemente, a fidelidade. É grande a responsabilidade transmitida a essas mulheres, pois o não cumprimento desses dogmas, segundo a mãe, “afeta” não apenas o marido, mas a “família”, a “Pátria” e a “glória de Deus”.

Porque, e como ela mesma gostava de contar entre risos, desde pequenina que a **mãe lhe vaticinara**, provavelmente pelas evidências do seu comportamento, sempre com as mãos metidas entre as coxas, ou então de coxas apertadas uma na outra em indisfarçáveis sinais de prazer, que, se não se moderasse nos instintos, se não se preocupasse em **procurar a igreja** e os seus sacrifícios para dar vazão às urgências de uma carnalidade que já parecia desenfreada, em adulta ela viria a ser uma mulher sedenta de macho, profundamente **infeliz** porque dependente do sexo até para respirar, uma messalina moderna sem qualquer freio ou pudor, razão por que se tinha dedicado a destruir na Eva, através de uma perversa doutrinação que diabolizava o sexo como uma prática horrorosa, toda a pulsão de natureza erótica como nefando crime contra a moral e os bons costumes. (ALMEIDA, 2006, p. 161)

No trecho fica ainda mais evidente que é dada à mulher a função de não apenas cumprir essa tradição, mas também de transmiti-la a suas futuras gerações e garantir que se cumpra. Caso isso não aconteça, é a mãe responsabilizada socialmente pela não “doutrinação” da filha.

Tinha tido três filhos, explicava a mãe, porém sempre entre as mais variadas e horríveis dores que tinham começado na tormentosa noite de núpcias com o primeiro acto sexual que consumara o seu desfloramento, e prolongado pela vida fora numa penitência sem limites, porque o sofrimento dos partos desafiava a capacidade de resistência de qualquer mulher que não se entregasse passivamente nas mãos do Omnipotente e à Sua misericórdia. Até que Ele, na sua infinita bondade, se condoerá finalmente dela e lhe propiciara a paz tanto do corpo como do espírito enviando-lhe ao marido uma abençoada diabetes que lhe tinha consumido toda a energia sexual. (ALMEIDA, 2006, p. 161)

Para cumprir esse seu papel, a mãe faz uma tentativa de amedrontar a filha em relação ao sexo, que é colocado como uma penitência e não como algo em que ela poderia encontrar

prazer. É destacada a função reprodutora, a dor proveniente do parto, o sexo como formas de satisfazer o marido, sendo a mulher apenas coadjuvante.

Eva recusa essa “tradição” transmitida pela mãe, tendo uma experiência contrária a tudo que sua progenitora havia lhe ensinado.

De modo que quando abertamente o seu corpo lhe exigira os seus direitos, ela tinha-lhe pago o tributo com mais alegria que desconforto, nada ocupada em descobrir as dores que a mãe tanto avolumara e que ela aliás nunca encontrou, sequer nos seus dois felizes partos... (ALMEIDA, 2006, p. 162)

Eva quebra com o paradigma da tradição e essa libertação faz com que ela consiga equiparar, em sua ideologia de vida, a relação entre gêneros. Em Cabo Verde, é comum ao homem ter mais de um relacionamento simultâneo, mas isso não é bem visto e nem mesmo aceito para as mulheres. A nacionalidade de Eva, portuguesa, faz com que tenhamos muitas indagações e possibilidades de interpretação, principalmente na via política, pois Germano retoma justamente o período de independência e da comemoração dos 35 anos de emancipação do país. Mas para o nosso foco, a relação entre gêneros, ser portuguesa significa vir de fora e trazer, não mais a pressão do colonialismo, mas um modelo de liberdade (sexual) para as mulheres cabo-verdianas. Pois Eva tem um relacionamento com três cabo-verdianos, sendo construído e narrado de forma muito natural, sem a vulgarizar.

Para os homens, esses relacionamentos simultâneos podem ser feitos de forma pública; no caso de Eva, apenas os amantes o sabem, e jamais o marido. Apesar disso, há uma quebra na tradição, o texto é construído de forma que são possíveis às mulheres os mesmos “direitos” dos homens.

Naquele tempo eu ainda acreditava que amar duas, três ou mais pessoas diferentes era um privilégio masculino, de modo que olhei para a Eva que continuava súplice segurando a minha mão junto ao seu rosto, e ela, sem ligar ao meu riso de escárnio, disse, Se insistes mesmo em ir embora, sair de mim e da minha vida para sempre, antes que partas deixa-me ao menos confessar-te a tua vitória sobre mim. Sabes, quando finalmente me enamorei de ti, ou então da paixão que tinhas por mim, sonhei viver contigo uma relação verdadeira e transparente, quis entregar-te a minha alma para que a moldasses do mesmo modo que moldas o meu corpo com as tuas mãos de

criador de mulheres. E durante algum tempo assim aconteceu de facto... (ALMEIDA, 2006, p. 162-3)

Eva questiona o conceito de fidelidade, mostrando que ela própria é composta de várias mulheres, algumas ainda reprimidas e é apenas na infidelidade que ela se descobre, encontra-se.

Esquece por momentos que tenho um marido em casa, e pensa apenas que fui tua, só tua, de alma e coração, dos pés à cabeça. Porém, não pude fazer isso por muito tempo, estaria a mentir-te se dissesse o contrário, e isso eu não quero fazer. É que a cada nova paixão eu sou recriada mais uma vez. As inúmeras mulheres de que sou feita, muitas adormecidas ou reprimidas, tornam-se possibilidades e muitas vezes realidades, e nelas eu vivo novas vidas, diferentes da que vivo contigo, porém também importantes... E finalmente, e para ser absolutamente sincera contigo, vou correr o risco de escandalizar-te, dizendo- te que hoje acredito piamente que só a infidelidade nos liberta e nos permite ser nós próprios. (ALMEIDA, 2006, p. 162-3)

O narrador, Reinaldo, espanta-se não apenas pelo conteúdo das palavras, mas principalmente pelo mesmo sair da boca de uma mulher. E a própria Eva diz da dificuldade em assumir e expressar sua posição.

Eu olhava-a espantado e sem palavras, estuporado pelo que estava **ouvindo da boca de uma mulher**, e ante o meu silêncio ela continuou, não em tom de desafio mas antes como se estivesse num confessionário: **Não penses que seja fácil assumir ou dizer isso**; confessar que não sei ser fiel é coisa que me magoa, mas de alguma forma sinto que só essa dor nos pode atar aos dois, um no outro com um nó capaz de resistir ao afastamento e à distância. Sei que te quero para sempre, concluiu com evidente tristeza, mas não te quero marido, nenhum de nós precisa desse sentimento sólido, pacato e seguro, quando isso nos é dado, logo saímos em busca do caos, é nele que nos realizamos como indivíduos. (ALMEIDA, 2006, p. 163)

Eva e Reinaldo são representantes da sociedade, sendo difícil ao homem aceitar essas palavras e às mulheres pronunciá-las. Mas a mesma dificuldade talvez não existisse, se fosse o Reinaldo a confessar-se com Eva. Esse trecho mostra como ainda temos interiorizados preconceitos em relação à igualdade entre gêneros.

É justamente essa tradição da sociedade judaico-cristã que é questionada. E não poderia ser mais significativo a questão ser levantada por Eva, nome que remete a figura mítica da primeira mulher, mãe de toda humanidade. O que nossa protagonista propõe é justamente o contrário do que o sistema patriarcal determina. Inicialmente, até mesmo o amante tem dificuldade em entender.

Mas espera, disse-lhe, não foi nada disso que aprendi fui aprendendo ao longo da vida, não é isso que dizem os livros e as pessoas, a mulher nasceu para ser de um homem só, pelo menos de cada vez... Mas ela sorria ouvindo-me: Tudo isso é falso, disse [...] (ALMEIDA, 2006, p. 163)

Foi necessário Eva se pronunciar e se assumir para que Reinaldo pudesse finalmente se libertar dos preconceitos que ele trazia. Só assim ele pode entender o que Eva dizia.

Abracei-a nesse dia com um novo e renovado carinho porque afinal éramos os dois iguais, e aceitei-a assim infiel e amo-a nessa cúmplice infidelidade que nos une para além de todo o bem e de todo o mal. (ALMEIDA, 2006, p. 164)

Reinaldo passa a entender Eva e também a relação de igualdade que deve haver entre os homens e as mulheres. Mostra que na verdade somos iguais e fomos construídos diferentes socialmente.

Fiquei calado, pensando como na realidade somos iguais, feitos da mesma massa, nós homens e elas mulheres, porque me acontecia exactamente a mesma coisa, desejá-la ou apenas querer o carinho dos seus braços e dos seus beijos e das suas palavras como um abençoado refúgio, particularmente depois de sair de outros braços onde deixara prender com prazer, porém sem aquela lassa vontade de deixar-me ficar e dormir, morrer de cada vez e ressuscitar debaixo da chuva... (ALMEIDA, 2006, p. 179)

Eva buscava romper com preconceitos não apenas no plano das ideias ou na vida particular; ela tinha uma consciência política em torno da defesa das mulheres:

Fez parte do grupo dinamizador da nascente organização das mulheres cujo objectivo era congregá-las em defesa dos seus específicos interesses.

Defendeu publicamente duas das principais leis aprovadas no Cabo Verde independente directamente ligadas à dignificação da mulher, a lei da união de facto e a lei da interrupção voluntária da gravidez [...] (ALMEIDA, 2006, p. 224)

Esse envolvimento com questões ligadas os direitos das mulheres faz com que Eva seja respeitada na esfera privada e na pública. São essas ações que a libertam da tradição e faz com que busque ainda mais o reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres.

Com a independência de Cabo Verde e após a mobilização de um grupo de jovens em Portugal pelo fim da colonização, Eva se sentiu atraída a fazer parte do novo país. Resolveu fazer essa mudança junto com seu namorado Luís Henriques, um cabo-verdiano, apesar da contrariedade dos pais dela. Eva resolveu partir sozinha após a indecisão de Luís Henriques, que prometeu que logo regressaria à sua pátria mãe. Porém, ele sempre adiou sua volta, cada vez com um pretexto diferente, até Eva se cansar e desacreditar que ele realmente voltaria. Apesar dela não ter nenhum parente ou amigo nas ilhas, não teve problema com sua adaptação, pois em pouco tempo passou a se relacionar e rapidamente foi reconhecida e tratada como uma cabo-verdiana.

Para evitar outras explicações, dizia-se casada com um caboverdiano de quem estava à espera e que deveria chegar brevemente. E quando deram conta de que afinal esse marido nunca mais aparecia, estavam de tal modo habituados a ela no seu meio que já a tratavam como a um igual. (ALMEIDA, 2006, p. 224)

Eva não conseguia entender o porquê de Luís Henriques não voltar, mesmo depois de tantos apelos. Após o reencontro entre ambos, 30 anos depois, ele não explica de forma clara o motivo da permanência em Portugal, pois ali vivia de forma precária, e em Cabo Verde teria tido muito mais oportunidades.

No encontro, em Lisboa, entre os amantes de Eva, Reinaldo e Luís Henriques, muitas das histórias contadas por ela para o primeiro foram colocadas à prova e muitas dúvidas que existiam, principalmente em relação a Luís Henriques, puderam ser esclarecidas, como a sua não volta a Cabo Verde. Ele confessa o verdadeiro motivo:

Como lhe disse, comecei a viver envergonhado, mas não era por aquilo que tinha dito da Eva. Era pelas bofetadas dela que tinha apanhado em público! Um macho africano a receber chapadas e mais chapadas de uma mulher, sem uma única reacção de gente. Na hora não pensei no assunto, mas depois... (ALMEIDA, 2006, p. 250)

Depois de um incidente e discussão com Eva, por ele estar embriagado, ela lhe dá alguns tapas, na frente de seus amigos cabo-verdianos. Ele fica envergonhado a ponto de nunca mais regressar, exilando-se em Portugal.

Enquanto Reinaldo representa o homem que busca a equidade entre gêneros, respeita as mulheres em sua individualidade, reinterpretando e rasurando o que aprendeu com a tradição, Luís Henriques representa o típico homem machista. Mais do que isso, o intelectual, que apesar de conhecer a teoria e “iniciar” Eva na busca de sua feminilidade e na compreensão de seu corpo, reproduz a tradição que está inserida em si. De revolucionário teórico ele passa a reacionário da práxis, pois, por uma vergonha machista, abre mão de voltar à sua pátria e jamais confessa isso à Eva.

Reinaldo reafirma sua visão diferenciada em relação à de Luís Henriques, quando fala com propriedade, pois também é um africano e isso não o torna machista e preconceituoso.

Nada que não tivesse justamente merecido, disse-lhe, o macho, mesmo ostentando a marca de africano, deve respeito a toda a mulher, particularmente à sua, e você foi francamente desrespeitoso, foi grosseiro, mereceu isso e muito mais. (ALMEIDA, 2006, p. 250)

Fica claro que Reinaldo representa esse “novo homem”, que contraria a tradição patriarcal, reconhecendo na mulher um ser igual em direitos e oportunidades.

Há uma crítica contundente, representada em Luís Henriques, ao intelectual, pseudo-defensor da igualdade efetiva entre os gêneros. Pois ele defende até certo ponto a liberdade da mulher:

Se você não queria que viesse a exercer a sua liberdade, por que então fez tanta questão de ela aprender a ser livre? [...]
[...] Creio que foi por uma questão de princípio, disse finalmente, era um imperativo da época, ajudar as mulheres a libertarem-se a si próprias da

escravatura sexual em que os homens as tinham mantido. (ALMEIDA, 2006, p. 266)

Há uma consciência da necessidade de não apenas as mulheres, mas também os homens, buscarem a equidade. Porém, para muitos, no plano das ideias é bem mais fácil do que na prática, pois é necessário se libertar da tradição e poucos conseguem.

Particularmente falava-se em arrancar a sexualidade feminina da dominação masculina que a submetia como uma canga, enfim, elas serem donas do seu próprio corpo e mais que tudo, do seu ventre. Foi por essa época que a luta pelo direito ao aborto apareceu na sua maior força na Alemanha e em França, e era forçoso fazê-lo chegar às portuguesas e por via delas às nossas mulheres. (ALMEIDA, 2006, p. 266)

Luis Henriques precisava manter seu *status* de revolucionário e como a “moda” eram os direitos femininos, ele se viu engajado em um causa que nunca acreditou, pois sempre foi um homem com toda a bagagem tradicional opressora.

Mas por outro lado era como se nós homens disséssemos, Sim, sim, é bom que aprendas a ser livre, já não é tão bom que exerças a tua liberdade sem a minha bênção... (ALMEIDA, 2006, p. 266)

No fundo, ele não se liberta da dominação que queria exercer sobre as mulheres. Diferente de Reinaldo, que passa a entender e compreender Eva.

Um livro narrado de forma não tradicional, circular e com diversas digressões, traz temas que questionam a linearidade humana, principalmente a feminina. Germano propõe uma rasura na herança cultural, principalmente no que tange a relação entre homens e mulheres. Essa temática, muito evidente em *Eva*, também é discutida e trabalhada em outras obras, como *Estórias de dentro* e *A Ilha fantástica*, por exemplo. Ele trata o tema da relação entre gêneros com Cabo Verde ao fundo, algumas vezes Portugal, mas sem deixar de universalizá-lo, podendo suas personagens serem inseridas em qualquer espaço. É uma voz masculina em busca da construção de novos modelos masculinos que entendam, na prática, a necessidade da equidade entre os gêneros.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Germano. *Eva*. Mindelo, Ilhéu Editora, 2006.